

ALEGORIA DA CAVERNA, O DESEJO E A VERDADE

FELIPE GUSTAVO SOARES DA SILVA¹

DR. ANASTÁCIO BORGES DE ARAÚJO JÚNIOR²

RESUMO

O presente trabalho é uma discussão sobre a natureza do desejo filosófico tal como proposta por Platão na *República* mais especificamente na alegoria da caverna. Através de comentário ao trecho, tratamos de discutir como se pode inferir de tal passagem uma metafísica do desejo que orienta para a síntese do desejo filosófico.

Palavras-chave: Alegoria da caverna; Desejo; Verdade; Educação.

ABSTRACT

The present work is a discussion on the nature of the philosophical desire, as proposed by Plato in the Republic - more specifically in the myth of the cave. Through a commentary on the passage of myth, we discuss about how one can infer from this passage a metaphysics of desire that guides to the synthesis of the philosophical desire.

Keywords: Cave myth; Desire; Truth; Education.

Introdução

Na *República* de Platão o desejo é um tema dos mais centrais no projeto de construção da cidade. Este projeto tem como objetivo o estabelecimento de uma cidade justa a partir da educação dos cidadãos. A educação tem como objetivo formar do homem de maneira integral, considerando todos os aspectos possíveis de serem educados e de acordo com a sua classe na pólis. Cumpre destacar que Platão transparece em suas obras a atmosfera grega que vivia e a dedicação que o homem daquela sociedade dava à questão do desejo.

¹ Professor da faculdade de Ciências Humanas de Olinda (FACHO). Doutorando em Filosofia (UFPE-UFPB-UFRN). Linha de pesquisa: Metafísica.

² Doutor em Filosofia pela UNICAMP. Professor Adjunto (Filosofia antiga) do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Membro da *International Plato Society* - IPS e sócio da Sociedade Brasileira de Platonistas - SBP. É líder do Grupo de Pesquisa DYNAMIS: Filosofia Antiga e Seus Desdobramentos.

No projeto de educação, o tema do desejo é um elemento que Platão sempre dá algum destaque através da dialética entre as personagens. Segundo Gordon (2015), “toda a Filosofia de Platão é erótica”. Podemos destacar dentre as mais conhecidas e estudadas, no *Banquete* a escala erótica e o conceito de Eros (ερος), no *Fedro*, com o mito da parelha (cf. PLATÃO, *Fedro*, 247c) e, é claro, na *República* com a educação de cada classe dos cidadãos onde o desejo ocupa um lugar primordial e de total importância para realização final da cidade.

A educação é, portanto, um tema central na concepção de Platão acerca do que é o bem para a pólis e para o homem. No cenário pedagógico que a *República* apresenta, a alegoria ou mito da caverna é uma passagem que contempla a proposta educativa ou pedagógica do nosso autor, mas tradicionalmente, interpreta-se essa passagem como portadora de conteúdo ético e epistemológico além do pedagógico. A nossa tese neste trabalho, é que, o mito da caverna também traz um conteúdo metafísico relacionado à natureza do desejo filosófico e como seria então o “caminho” para alcance deste conhecimento.

Aqui nosso objetivo é refletir a partir do simbolismo e do movimento em torno da caverna, que relação pode ser estabelecida entre a situação que consideramos portadora de um elemento metafísico (o mito da caverna) e a natureza própria do filosofar. Além disso, cremos ser importante traduzir essa questão para os dias atuais, problematizando que as correntes citadas na alegoria tem significado no mundo atual, ainda nos aprisionam, e as cavernas das opiniões e do desprezo à Filosofia ainda são realidades do mundo contemporâneo.

O cenário de desafio à Filosofia na caverna e nos dias de hoje não mudou: não se dá o devido valor e tempo para a Filosofia numa sociedade imediatista, num curto espaço dedicado ao currículo escolar, num cenário político capitalista e absolutamente individualista. Ademais, o filósofo é visto hoje, de maneira não diferente que no mito, com estranheza, como ser estranho, uma espécie de louco, que prega coisas absurdas. A loucura dos homens é a sensatez que o filósofo encontra ao buscar atingir o conhecimento através da “subida” na caverna”, através de seu desprendimento. Rer a alegoria da caverna é para os filósofos uma renovação da esperança depositada

na tarefa de problematizar o que aparece como evidente. O mito da caverna é mais uma das questões de Platão que não caiu em desuso, o que mostra o quanto nosso autor era original e importante para a Filosofia, tendo então estado á frente de sua época, Platão sempre será atual.

1. O mito da caverna

De acordo com o mito da caverna na *República*³ algumas pessoas nasceriam e viveriam, acorrentadas, imóveis, e com membros também amarrados a correntes, no interior de uma caverna subterrânea de costas para a saída, de maneira que não conseguiriam se mexer e só enxergavam as sombras projetadas à sua frente, pois as correntes os impediriam de mexer-se e voltar à cabeça para a saída da caverna (cf. PLATÃO, *Republica*. 514a-517c).

Esta alegoria é uma celebre passagem da *República* normalmente analisada do ponto de vista epistemológico, ético e pedagógico. A alegoria pode contribuir também para o entendimento da metafísica platônica (Cf. REALE ; ANTISERI, 1990, p. 166). Os níveis de conhecimento da tradicional epistemologia platônica, eikasía (εἰκασία), pístis (πίστις), dianóia (διάνοια), noesis (νόησις), são extraídos desta passagem. O mundo das sombras no interior da caverna é uma ilusão à qual os que estão presos às correntes estão condenados. Para Platão, o conhecimento (ἔπιστήμη) se dá fora da caverna, na realidade exterior, enquanto no interior dela apenas encontramos o engano através da opinião (δόξα) e da aceitação da realidade apresentada pelos sentidos.

Segundo Giovanni Reale e Dário Antiseri, o mito da caverna tem quatro significados:

[...] traduz os diversos graus da realidade, isto é, os gêneros do ser sensível e supra-sensível com suas subdivisões. [...] em segundo lugar, o mito simboliza os degraus do conhecimento nas duas espécies em que ele se realiza e nos dois graus em que essa espécie se dividem [...]. Em terceiro lugar, o mito da caverna simboliza o aspecto ascético, místico e teleológico do platonismo: a vida na dimensão dos sentidos e do sensível é a vida na caverna, assim como a vida na pureza e plenitude da luz é a vida na dimensão do espírito. O voltar-se do sensível para o inteligível é expressamente representado com a “libertação das algemas”, como con-versão, enquanto a visão suprema do sol e da luz em si mesma é a visão do bem e a

³ Tradução adotada neste trabalho: PLATÃO. *A República*. Trad. de Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo, Martins Fontes, 2006.

contemplação do divino. O mito da caverna, expressa também a concepção política tipicamente platônica. De fato, Platão menciona também um retorno à caverna por parte daquele que se libertara das algemas, retorno cuja finalidade consiste na libertação daqueles em companhia dos quais ele antes se encontrava como escravo (1990, p. 167-168).

O ápice da alegoria da caverna, sem dúvida, consiste na figura do homem que consegue se libertar das correntes e sair da caverna, o que pode ser interpretado como a atitude filosófica por excelência. Isso pode levar o leitor da *República* a pensar que a alegoria seria uma passagem dedicada apenas ao filósofo e à sua ação no processo do conhecimento. De fato, o mito da caverna é usado por Sócrates para explicar como funcionaria a educação do filósofo e qual o caminho que ele deveria seguir ou percorrer para conseguir a contemplação da verdade. Entretanto, o mito da caverna mostra também a importância da Filosofia para todos os homens, neste mito

somos levados a compreender por que, sem a ascese filosófica ou a iniciação dialética, sem o *tis* indefinido que impulsiona a conversão para a nossa libertação, permaneceríamos prisioneiros de um espaço subterrâneo onde, sob uma precária luz, apenas observamos sombras de marionetes, manipuladas por estranhos que desconhecemos (MORAIS, 2010, p. 482).

Quando concebemos a alegoria da caverna como uma mensagem que se aplica a todo ser humano podemos entender que o conhecimento filosófico deve ser uma busca para todos e não uma exclusividade do filósofo. Platão não parece concordar que todos os homens vivam aprisionados a correntes de opiniões, para tanto, propõe uma educação que forme o homem integralmente; daí ele dá destaque à classe dos guardiões, visto que uma cidade Justa, como era o propósito inicial da *República*, começaria por uma cidade segura, ademais, é dessa classe que alguns cidadãos extraordinários irão surgir e ser educados para se tornar filósofos.

Um outro elemento que pode ajudar a compreensão de que a saída da caverna é tarefa de todos é o fato de que não há garantia nem para o filósofo do alcance da verdade, no entanto, o desejo de a possuir é a novidade que Platão parece sugerir com o mito da caverna. Não há uma seleção para quem pudesse romper as correntes e sair da caverna, o mito é claro quando diz que “um deles” ocasionalmente se liberta e “sobe” em direção ao exterior da caverna. Todavia, o diálogo sugere que qualquer um possa tentar o que se torna

mais difícil à medida que o homem esteja preso às correntes e acostumado com as sombras da caverna.

Ora, se todos podem ser filósofos, seria uma pretensão nossa em afirmar, no entanto, cremos que Platão sugere exatamente que o filósofo é aquele que ousa romper as correntes. A Filosofia é um trabalho ousado de “romper” correntes que aprisionam o ser humano a sombras⁴ do conhecimento. O fato dos companheiros da caverna não quererem sair dela e romper as correntes que o aprisionam não é estranha para nossa compreensão: as sombras acomodam o desejo de saber e não carecem de esforço individual para ser conhecidas. Em termos metafísicos, seria uma forma inferior de desejo, seria um desejo permanente de viver acomodado com as próprias opiniões (δόξα).

Outro aspecto importante na interpretação do mito é o fato que o filósofo aparece ainda como mediador entre dois mundos: o mundo da opinião e o mundo da realidade. É ele que representa o rompimento das correntes da opinião e, ao contemplar o exterior de sua caverna e tem a atitude imediata de retorno para libertar os demais prisioneiros: a Filosofia também é sinal de liberdade, onde o filósofo assume o papel de libertar as mentes aprisionadas.

2. O desejo filosófico

O desejo é um tema central quando falamos da Filosofia de Platão, enquanto reflexo do pensamento grego e enquanto projeto do próprio Platão em relação à sua teoria das formas, sendo portanto, fundamento importantíssimo no platonismo por ter relação direta com o tema da alma: é a alma que deseja, é ela a sede do desejo (Cf. FIERRO, 2003). O movimento do prisioneiro que rompe as correntes e alcança o exterior da caverna é exatamente a atitude do filósofo e isso corresponde a um problema metafísico: o desejo da verdade, é o guia para a saída da caverna.

O desejo aparece como condição para o verdadeiro conhecimento em dois momentos: primeiramente, o desejo de prosseguir em direção ao exterior da caverna é tarefa um tanto forçosa (ἄσκησις) e necessita, como propriamente diz a passagem, de uma adaptação ao contemplar a luz. São vários os

⁴ Quanto as sombras, imagens projetadas pela pouca luz no fundo da caverna, podem ser interpretadas como uma crítica platônica aos sofistas e seus seguidores, pelos falsos encantamentos e projeções sobre a verdade.

empecilhos que façam o homem desistir da saída da caverna: a posição de quem contempla as sombras é confortável e estaria, em tese, em conformidade com os demais habitantes, não sendo necessário gerar o conflito de ter uma outra visão, de ser diferente, e de ainda tentar convencer aos demais de seus enganos. Outro elemento que o mito simboliza é o caminho, longo e difícil, a luz que ofusca e só aos poucos mostra a realidade que outrora era sombra, são situações que confundem e a priori simbolizam obstáculos da atividade filosófica. O desejo filosófico, no entanto, é um guia seguro para o caminho de busca. A atitude de busca é assim delineada por Spinelli: “alçar-se ao mundo inteligível é sair em busca de luz, com um propósito bem específico: iluminar a escuridão humana, algo que só pode ser feito agregando-se ao ser, jamais sem ele” (SPINELLI, 2007, p. 191-204).

O desejo de retornar a caverna para libertar os prisioneiros é uma atitude que a nosso ver caracteriza profundamente a metafísica do desejo em Platão. Defendemos como metafísica a contemplação do exterior à caverna, a contemplação da realidade coincide com a contemplação das formas (εἶδος). A Filosofia é fruto de um desejo e este desejo pela verdade fundamentará, posteriormente, a natureza do conhecimento filosófico. A caverna traz um problema central à Filosofia de Platão, visto pelo plano metafísico, que é a alma (psykhé)⁵. No contexto da tríplice partição da alma, a alma que conseguiria romper as correntes seria a alma do filósofo, noutros termos, ser filósofo é, através da educação, que inclui o esforço individual do próprio homem, romper com as correntes da opinião, e, guiado pelo desejo da verdade contemplar, até onde for possível, a realidade fora da caverna.

Segundo Pagni, a teoria da alma (e conseqüentemente do problema do desejo) fundamentará a pedagogia platônica da *República*:

Em A República, Platão explicita a teoria da alma (psyché), na qual essa pedagogia se fundamenta, e o ideal de homem virtuoso a ser almejado por ela. Por esse ideal ele procura transcender os seus limites psicológicos dessa teoria da alma e fornecer as bases para uma

⁵ A teoria da alma não é objeto do mito da caverna. Especificamente, no livro IV encontraremos a teoria dos desejos, onde Platão trata de examinar a fundo, a natureza da alma humana, verificando seus princípios, movimentos e, é claro, a questão do desejo. No mito, a alma aparece de uma maneira mais geral, no entanto, cremos que o caminho de libertação da caverna é uma atitude da alma filosófica, do filósofo. Como este trabalho insiste, apesar de se tratar de uma atitude própria do filósofo, a busca pela verdade pode ser compartilhada por todos, entretanto, o atingimento não é garantido nem ao próprio filósofo. A filosofia consistia, de acordo com o mito, numa busca de libertação das opiniões, simbolizadas pelas correntes e pelas sombras da caverna.

ética a ser perseguida pela educação e pela Filosofia. Em suma, essa ética consiste em dominar a alma apetitiva ou concupiscente pela razão. Esta seria uma forma de tornar moderados os apetites e os desejos provenientes do corpo e de adquirir uma virtude denominada de temperança (*sophrosýne*). Dominar a alma irascível ou colérica pela razão, para a distinção do que seria bom ou mau para o seu corpo, por sua vez, é imprescindível para desenvolver outras duas virtudes denominadas de coragem (*thimós*) ou a prudência (*phrónesis*). O não submetimento da alma racional às suas esferas inferiores seria, assim, uma condição para que o homem se tornasse virtuoso e a sua virtude fosse um conhecimento de si (PAGNI, 2017).

Um fato que deve ser esclarecido é a relação do desejo com a alma: neste caso específico, na própria *República*, Platão argumenta que o desejo é próprio da alma. Essa é a chamada teoria dos desejos (Cf. PLATÃO, *Republica*, IV). Mas como fazer com que aquelas almas que não tem a predominância racional possam desejar assim como o filósofo. A resposta é bem simples: não há garantia alguma, no sistema de Platão, nem para o filósofo, do atingimento daquilo que se deseja, a verdade. A atividade filosófica configura-se exatamente nesta atividade de busca. O mito da caverna tem como objetivo mostrar como seria a educação do filósofo, esse é o contexto no qual Sócrates demonstra isso a Adimanto.

O conhecimento a ser buscado não é o conhecimento simples e aparente mas da verdade. É o exterior da caverna, longe das sombras do mundo sensível que o filósofo aspira. O mito da caverna revela o compromisso da Filosofia com a verdade, revela a atitude do filósofo que deseja exatamente conhecer a Verdade e não se satisfaz com as aparências. Esse desejo será examinado no trabalho como condição para que se possa então atingir o conhecimento verdadeiro.

Considerações finais

Podemos analisar que as correntes que aprisionam os prisioneiros no interior da caverna sempre existiriam. A metáfora platônica nada mais é que uma realidade que ofusca e distorce o conhecimento da verdade. O que significa estar preso à correntes em relação ao conhecimento? Ora, a reflexão filosófica sempre passou por crises, desde a morte de Sócrates até as excludentes ações dos governos de diversos países em diminuir o espaço acadêmico para a pesquisa e estudo da Filosofia.

Outra questão que se segue a anterior é, porque Platão quis educar o filósofo e utilizou-se do recurso da imagem da caverna para falar disso? A caverna simboliza o nosso confortável espaço, em linguagem platônica, de concordância e aceitação da verdade dada como tal aos nossos sentidos. Os que criam na sombra não questionavam em nenhum momento essa pseudo-realidade. O caminho da Filosofia é o caminho do questionamento e da não aceitação imediata do que se tem como verdade.

O mito da caverna surge no contexto de definição da educação do filósofo. Nesse sentido, o caráter metafísico da alegoria da caverna pode ser inferida pelo interesse dado por Platão em atribuir significado a questão do desejo, que move, que seduz, mas que sobretudo desafia o homem a sair da caverna. Só quem deseja o exterior da caverna é que pode, movido por esse desejo, chegar ao lado de fora, de fato, e conhecer a verdade. A epistemologia platônica, portanto, pode ser relacionada claramente por essa questão como ligada à metafísica platônica, a metafísica do desejo.

A caracterização do filósofo como aquele que, após ter acesso ao conhecimento do mundo exterior, volta e tenta mostrar aos outros a mesma realidade, é um símbolo da atividade filosófica que consiste também em querer que a mesma luz que orientou o caminho de descoberta seja alcançada por todos os homens, o que, claramente o diálogo coloca em risco, pela possibilidade de morte daquele que pregasse que o mundo real não era o das sombras. A Filosofia enquanto desejo da verdade passa por um caminho que é tido como uma “via louca” para quem não compreender que, para quem está livre das correntes das opiniões e busca a verdade, há uma realidade e uma verdade a ser descoberta.

Referências

FIERRO, M. A. **Plato's theory of desire in the Symposium and the Republic**. Thesis submitted for the degree of Doctor of Philosophy at the University of Durham. Department of Classics & Ancient History, 2003.

GORDON, Jill. **O mundo erótico de Platão: das origens cósmicas à morte humana**. Trad. de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

MORAIS, E.E.E. A natureza do filósofo. **Kriterion**, Belo Horizonte, n. 122, p. 473-488, 2010.

PAGNI, Pedro Angelo. **A filosofia da educação platônica**: o desejo de sabedoria e a paideia Justa. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/126/3/01d07t01.pdf>. Acesso em: 01/12/2017.

PLATÃO. **A República**. Trad. de Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo, Martins Fontes, 2006.

_____. **Fedro**. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Edição Bilingüe. Belém do Pará: EDUFPA, 2010.

REALE, Giovanni ; ANTISERI, Dário. **História da filosofia**: Antiguidade e Idade Média. São Paulo: Paulus, 1990.

SPINELLI, Miguel. Plato and some myths attributed to him. **Trans/Form/Ação**. São Paulo, v.30, n. 1, p.191-204, 2007.